



# JULIANA LEITE HUMANOS EXEMPLARES

  
COMPANHIA DAS LETRAS

Ela abre os olhos para mais um dia e já não pode impedir a si mesma de se sentir um pouco livre, ela se sente assim, como alguém que dormiu numa rede fresca e acordou livre para escolher o que fazer em uma manhã comum. Quem olha de fora percebe que seus ossos despertaram firmes sobre a cama, mais ou menos firmes, e isso sim é uma surpresa. A quantidade de ossos que uma velha possui é um espanto, um assombro, porque afinal alguns humanos como ela sumiram, muitos já sumiram e até agora por algum motivo ela permaneceu, ela se sente assim, como alguém que permaneceu, por enquanto.

Como ainda não se apagou, como ainda existe mais ou menos como antes, membros, pele, pulmão, ela pode até confundir um pouco as coisas, achar que isso significa que é uma velha de sorte. Mas logo todos esses pensamentos se apagam porque está na hora de se levantar para passar o café, pronto, já está na hora de ela se vestir e fazer o de sempre, o de todos os dias, e a sorte não costuma ter nada a ver com isso.

Ainda bem que a manteiga dormiu fora da geladeira esta noite. O pão não é fresco, mas a velha não se importa com isso, não mesmo, ela até prefere assim. Ajeita um pratinho e a xícara, aqueles do jogo com flores vivas, e aperta quatro vezes o êmbolo da garrafa de café para se servir. Ela adora a companhia dessa

xícara florida, ainda mais quando o vapor do café sobe; deixa espaço suficiente para pingar um pouquinho de leite quente por cima, assoprando a leiteira para impedir que a nata venha junto. A velha não gosta de beber a nata, mas sim de passá-la dentro do pão, junto com a manteiga, e é por isso que pesca a gordura do leite com um garfo.

É na mesa da cozinha, no jornal que ainda não foi aberto, que novas pessoas se apagam nas notícias. Todos os dias os apagamentos se acumulam e se empilham por toda parte formando um número impossível. Só de olhar para a lista de apagados uma velha de apartamento pode imaginar que a sorte morreu, que os vivos talvez sejam fruto do acaso e que, mesmo que ainda respirem, bem, eles também desaparecem pouco a pouco, de todo jeito, e em algum momento acabam se unindo aos demais.

Embora outras coisas ainda aconteçam, notícias comuns, nesse momento é como se o comum estivesse impedido de existir, adiado e em suspenso, com a rua fechada por um tapume que encobre a vista e a passagem. Antes a velha abria o jornal de manhã e lia as notícias se sentindo um pouco como uma investigadora, uma espiã apta a encontrar ali, por trás daquelas linhas, o objeto escondido do dia. Havia algo a ser buscado por seus olhos, uma pedra, algo que ao ser encontrado daria a uma velha a sensação de recompensa por ela ainda estar informada, ciente do mundo. Ultimamente essa velha desistiu disso, está até constrangida de buscar pela pedra, não saberia em que bolso guardá-la ou o que fazer para lidar com seu peso.

Ela adia a abertura do jornal e molha o pão no café com leite bem quente. Morde a ponta molhada do pão onde a manteiga está derretida e logo sente aquilo que mais desejava nesta manhã, a gordura salgada tomando a superfície da língua. A gordura é generosa e a velha se arrepia inteira, é sempre assim,



uma gordura quente e salgada faz uma velha como essa arrepiar todos os pelos de manhã cedo. Ela sente o grande prazer do pão molhado entre os dentes e de repente fica um pouco encabulada. Talvez devesse pedir autorização por escrito a alguém para, além de seguir viva a essa altura, ainda por cima sentir prazer na língua, talvez esse fosse o procedimento correto, ver se ainda é permitido aos humanos revirar os olhos de delírio.

Mas agora é tarde, ela já mordeu o pão e já sentiu o prazer engordurado invadindo o corpo, de alguns gozos não se pode voltar atrás. Ainda assim, são tantas as coisas que se derretem e que se desfazem, são tantas as maneiras de se desfazer que uma velha amanteigada também acaba se diluindo um pouco, ela se desfia a cada vez que se lembra da imagem de alguém amado que desapareceu, um humano, um parente, um animal, uma paisagem, uma geleira, uma estrada, uma dama-da-noite, uma formiga, um colibri, um cavalo-marinho, uma manada, um cupinzeiro, um riacho, uma montanha, um barbante, uma borracha escolar, fios de cabelo, todas essas coisas importantes já se diluíram bem diante dos seus olhos formando uma coleção de ausências. A falta dessas coisas já estava dentro do pão, pela manhã, antes mesmo de uma velha morder qualquer coisa.

Ela termina o café num gole largo porque prefere o leite pelando e nos dias de hoje o leite esfria muito mais rápido do que antigamente. É difícil dizer por quê, mas é o que acontece. Põe a xícara dentro da pia, onde já estão as louças do dia anterior, e então pode abrir as janelas a qualquer momento. Pronto, ela abriu as janelas da sala e agora tudo está mais fácil para quem olha de fora.

Hoje a luz da manhã está mesmo uma beleza. Quando o dia está assim a velha se sente levemente empolgada, ajeita o sofá azul, o tapete e os quadros na parede como se algo novo e bom

estivesse prestes a acontecer. A sala está arejada e algo agradável pode surgir em breve, por que não? Seu maior desejo, vejamos, seria ouvir inesperadamente a campainha, abrir a porta do apartamento e encontrar ali do outro lado um visitante, imagine só, alguém adorável trazendo novidades e rosquinhas de presente. Isso seria esquisito e genial para alguém como a velha, que não lava a louça nem limpa a cozinha, mas que faria tudo isso contente caso houvesse a chance de aparecer alguém em casa.

Já faz bastante tempo que ninguém entra pela porta, ninguém mesmo. Se isso acontecesse nesta manhã a velha estaria em apuros, não teria nem mesmo geleia para oferecer ao visitante, tampouco manteiga, já que hoje ela exagerou e passou tudo que restava no pão do café da manhã. Ela se preocupa porque não teria nada de gostoso para servir, e ainda precisaria se sentar longe da visita porque, além de tudo, nem banho ela tomou hoje. Não seria recomendável que ficasse assim, tão perto de alguém, ainda mais se esse alguém fosse amável.

A velha se senta um pouco no sofá, cruza as pernas, não tem pressa de nada. Repara que seu roupão felpudo precisa ser lavado, isso tem que acontecer em breve porque a mancha no colarinho, a mancha bege, é café com leite de ontem, de anteontem ou de semana passada. O gole de café com leite caiu no colarinho naquele dia em que o telefone tocou em uma hora incomum, muito incomum neste apartamento, e isso foi um susto tão grande que ela acabou cuspidando um pouquinho do café que estava na boca. É preciso lavar o roupão, ela sabe, mas prefere deixar para quando fizer um dia de sol, um belo sol que seque rapidamente seu único roupão. Isso não vai acontecer hoje.

Hoje, por acaso, ela está vestindo azul por baixo, mas isso não acontece sempre. Para quem olha de fora, a velha de azul

pode estar encoberta pelas cortinas, a não ser nos dias realmente quentes em que ela não aguenta e deixa tudo aberto. Quando fica perto das cortinas, a velha compõe uma paisagem em que quase nada se move, uma paisagem sem vento e sem barcos. Depois é possível vê-la perambulando de lá pra cá, embora às vezes ela suma de vista inesperadamente. Quando não está enquadrada por um dos vidros, significa que andou para o banheiro ou para a área de serviço, os dois únicos lugares em que pouco se pode saber sobre o que ela está fazendo, uma pena.

Mas na maior parte das horas a velha fica bem quieta e parada, tão quieta e parada que alguém inexperiente poderia achar que pronto, agora essa velha morreu. Isso, porém, ainda não é verdade, por enquanto não. Basta o telefone tocar para ela se mexer como alguém vivo. Pode parecer mentira, mas a velha já foi vista inclusive correndo pela sala para tirar logo o fone do gancho e não perder a ligação. Ela preferiria perder os dentes a perder um telefonema, até porque esses dentes já não são mais os de fábrica, eles não são nem parecidos com os originais.

Como já está sentada e não tem pressa, ela aproveita para retirar coisinhas incômodas do nariz enquanto pensa que um bom visitante seria aquele rapazinho que trabalhava na padaria, aquele que começou no caixa mas depois foi promovido graças à receita de pão doce da avó. Não há como saber se os pães doces ainda existem, afinal não se sabe ainda quem sobreviveu do lado de fora. Na semana passada uma vizinha do prédio da frente gritou da janela avisando que a padaria havia fechado as portas, e que portanto todos estavam na rua, inclusive o rapazinho. A vizinha não apareceu mais na janela desde então e por isso a velha não sabe o desdobramento do assunto.

A verdade é que o tal visitante repentino provavelmente se sentiria entediado ao lado da velha, afinal o que alguém como ela

teria de novo para contar a não ser que o cabelo está caindo e que todos os fios estão recolhidos ali dentro daquele potinho. Caso se tratasse de um visitante ideal, sem defeitos, ele se interessaria em observar esses fios junto com a velha e seria bravo o suficiente para pegar tudo isso e jogar no fogo, no ralo ou pela janela, em nome da limpeza ou apenas do divertimento. Imagine se, além disso, o visitante tivesse um isqueiro de prontidão no bolso e um espírito livre. Essa velha adora o cheiro de cabelo queimado, mesmo que muitos humanos torçam o nariz para isso. Resta apenas saber onde está esse visitante, alguém que ainda se interessa por velhas e por brincadeiras perigosas e que por ora não surge.

Nesta manhã a velha pode até estar com o roupão sujo, mas ao menos seu nariz já está bem limpo. Nos últimos anos quem olha de fora só vê a mulher sozinha em todos os cômodos, mas não foi sempre assim. Houve um tempo em que quem olhasse pela janela perceberia ali com a mulher pelo menos duas pessoas: Vicente, o marido, e a filha deles, que naquele tempo poderia ser ruiva ou loira perolada, a depender do resultado da tintura. As luzes do apartamento ficavam acesas e o cheiro de comida atravessava a sala. Faz tempo que eles não fazem mais companhia à velha, mas não é por mal. Em algum momento a filha se tornou uma filha que mora longe e Vicente desapareceu porque, bem, ele morreu e por isso ficou ocupado com outras coisas.

São poucas as pessoas que telefonam para a velha, talvez apenas uma, a mesma todos os dias. Ainda é cedo para dizer por que ninguém mais telefona para ela, mas aparentemente todo mundo que tinha seu número e que gostava de conversar já morreu. Um a um eles morreram, cada um a seu tempo. O número de telefone da velha continua o mesmo desde sempre,

mas agora existe um dois na frente de tudo. Talvez os amigos dela se atrapalhassem com isso, mais um número para ser decorado por aqueles queridos, mas como eles não estão mais vivos não é preciso pensar sobre o tema.

Há não muito tempo a velha costumava sair de casa com grande frequência. Pode ser difícil imaginar isso agora, mas ela trocava de roupa diariamente e inclusive passava perfume antes de abrir a porta e se lançar à rua. Até um pouco de batom rosa ela usava nos lábios, rosa tutti frutti. Adorava passear e nem precisava gastar dinheiro para isso, afinal andar é de graça até para os velhos. Ela caminhava, cumprimentava as pessoas e os animais, descobria algo sobre a vida deles e então fingia uma amizade e um carinho imediatos. Fingia tão bem e por tanto tempo que essas pessoas e animais não podiam fazer outra coisa senão retribuir a amizade e o carinho da velha, e por fim o fingimento se tornava desnecessário e a amizade era apenas algo real e espontâneo, mais fácil de executar para todas as partes.

A velha tinha uma amiga na cidade, uma grande amiga dona de uma loja de biscoitos. Costumava visitar essa amiga muitas vezes por semana e depois voltava para casa trazendo um saquinho de biscoitos de passas ao rum. Havia muitos outros sabores na loja, mas por mais que provasse os biscoitos de chocolate e os de anis, os de passas ao rum ainda eram os preferidos. Ela não precisava pagar pelo saquinho, a não ser que ficasse gulosa e quisesse biscoitos demais. O saquinho era marrom e ficava melado depois de um tempo porque na loja daquela amiga os biscoitos eram sempre muito amanteigados e tinham açúcar granulado no topo.

Vicente adorava os biscoitos tanto quanto a velha, talvez até mais do que ela. Punha para esquentar no forno e então mordida os pedaços com as passas quentes e amolecidas. Era um homem



magricelo, meio careca e grisalho, apreciador de mapas. Não podia comer todos os biscoitos de uma vez por causa dos problemas sanguíneos com o açúcar, mas muitas vezes não resistia e devorava tudo enquanto a velha estava no banho ou então concentrada na novela. Ela ficava muito brava com ele e dizia que jamais traria biscoitos para casa outra vez, assim não era possível. Mas, como precisava passear no dia seguinte e visitar sua amiga, lá vinha ela com mais um saquinho melado nas mãos.

Esse marido ficou bastante curvado nos seus últimos dias, sentado em uma cadeira, tão curvado que quem o observasse pela janela veria apenas o topo de sua corcunda acima do parapeito. Ele também ficou sem alguns dedos dos pés por causa do problema com o açúcar, mas isso não dava para perceber olhando de fora. A amiga da loja de biscoitos também não existe há um tempo, e isso explica por que os biscoitos neste apartamento são agora de água e sal ou de maisena; na verdade a velha evita os de maisena sempre que pode porque eles ficam melancólicos quando molhados no café. Ela prefere evitar esse tipo de melancolia, caída e molenga.

Pronto, agora o telefone está tocando. É bom que isso aconteça porque assim dá para ver quantas coisas ainda se mexem por aqui, quanta ação ainda acontece no apartamento de uma velha. Essa voz que aparece do outro lado da linha é da filha, a que mora bem longe, tão longe que só é possível vê-la no apartamento pelo telefone. A voz dela parece de fumante, como se pode perceber, mas ela não fuma, é apenas uma mulher grave. Por coincidência, nos últimos meses filha e mãe estão ocupadas com a mesma atividade, esconder-se de algo que existe do lado de fora. A filha faz isso em seu oceano superior, lá onde mora, enquanto a mãe faz aqui mesmo, na casa em que a filha nasceu. Ambas se escondem pelo mesmo motivo, uma nova ameaça exterior que ronda

as cidades e faz muitos humanos como elas só pensarem nisso, em como se esconder, mesmo quando precisam sair dos esconderijos por algum motivo.

É a primeira vez que uma ameaça diz respeito à mãe e à filha ao mesmo tempo. Elas se sentem mais próximas uma da outra graças a isso, afinal sentem o mesmo tipo de medo, ainda que vivam em oceanos e latitudes diferentes. Tanto a mãe quanto a filha podem dizer que já viveram alguns perigos antes, quer dizer, é claro que elas conheceram outras ameaças, mas de algum modo eram ameaças mais individuais e visíveis. Dessa vez os humanos correm o mesmo perigo juntos e quanto a isso eles ainda estão se acostumando com o fato de, no fim das contas, serem tão semelhantes em qualquer parte do planeta.

Quando a mulher que mora longe telefona para saber se sua velha mãe está mesmo bem escondida, se está realmente camuflada nesses dias perigosos, a velha é obrigada a lembrar à filha que não é de hoje que ela sabe se esconder, ela já se escondeu tantas vezes e sobreviveu tantas vezes que poderíamos até mesmo considerá-la uma especialista no assunto. Há muito tempo a velha mãe sabe farejar os lugares, os melhores cantos, e assim dizer se eles são realmente seguros como refúgios. É bom lembrar que ela não chegou aos oitenta anos à toa, e que passou desses oitenta anos e depois chegou aos noventa anos e também passou deles, e agora, vejam só, aí estão os cem anos de uma velha — aí estão. A velha não costuma usar esse trunfo, o da idade como prova de sucesso, mas quando é preciso ela faz isso.

A filha que mora longe, ela também já é um tanto velha à sua maneira, mas não para os tempos atuais, para os dias de hoje ela ainda é considerada jovem. Teve sorte e, embora tenha precisado fugir um pouco em alguns momentos da vida, e tenha até sentido medo aqui e ali, não foi tanto medo assim. A filha

não sabe, por exemplo, como suspender a respiração por longos minutos para se fingir de morta, de mortíssima. Sua mãe sabe como fazer isso à perfeição. A velha se esqueceu de ensinar à filha as várias estratégias para despistar os predadores de toda sorte, especialmente os que preferem os animais frescos, que ainda respiram. Não fez isso quando a filha ainda era uma filha que morava perto, e agora que ela vive em um oceano superior fica muito mais difícil explicar essas coisas, ainda mais quando as ligações travam a todo momento.

A velha aperta o aparelho contra o ouvido para escutar melhor aquela voz que cruza o oceano, aperta tanto que sua orelha fica sempre dolorida e vermelha depois que desliga. Ela informa à filha inexperiente que já houve em nosso calçadão outras ameaças exteriores, e que em todas essas ocasiões, a mãe garante, o que mais convinha aos humanos era voltar rapidamente para casa, e uma vez dentro de casa convinha voltar para a cama, e uma vez em cima da cama voltar para o corpo, e ali, nesse destino final era necessário se ocupar apenas das células, tão invisíveis quanto a ameaça exterior, é o que ela diz ao telefone. Era preciso cuidar das células. Quem se escondia assim, tão perto do próprio organismo, tinha mais chances de seguir ileso, saudável, íntegro e resistente até o fim, embora fosse difícil apontar quando havia chegado o fim. As pessoas permaneciam dentro do próprio corpo por dias a fio, mesmo que com câibras e um pouco desacostumadas a uma convivência afinal tão interna e viscosa.

A verdade é que a velha viveu tão perto de pessoas que souberam como fugir, mas tão perto, que acabou se tornando ela mesma das que sabem se esconder e sumir quando necessário. Ela diz para a filha que mora longe, que a humanidade, a mesma à qual ela pertence, já visitou a fuga para dentro do próprio organismo em mais de um momento da história, muito mais,

e por isso a filha deveria apenas descobrir como se entregar novamente a esse esconderijo fiel, assim como fizeram os seus antepassados. Os humanos podem até se esquecer disso vez ou outra, afinal os problemas de memória são tão comuns, mas por fim eles conseguem arregalar os olhos e reconhecer a caverna de sempre, lá está ela, o corpo. Seria bom, muito bom que mãe e filha pudessem se parecer cada vez mais com aqueles humanos antigos que sabiam farejar, os humanos sobreviventes, afinal as ameaças continuam suando como sempre suaram, é o que a velha diz, elas têm esse cheiro um pouco salgado e um pouco azedo. Muitas coisas podem ter mudado naquilo que amedronta, mas o azedo segue o mesmo.

A filha pede à velha que aguarde um minuto na linha para que ela possa ir fazer xixi. A filha faz xixi o tempo inteiro e nisso ela puxou ao pai. A mãe aguarda e enquanto isso pergunta à filha que não a ouve se ela consegue enxergar de sua janela no oceano superior uma maneira de não sumirmos todos ao mesmo tempo, os humanos, de irmos sumindo aos poucos ou um a um, como costumava ser. A preocupação da velha não é de que os humanos se extingam de vez, afinal é isso mesmo o que eles estão fazendo há tanto tempo. O que a preocupa é outra coisa, ela diz à filha, já pensando no que acontecerá depois da extinção.

Os indivíduos se apagam aos montes e então podem achar que o trabalho acabou, pronto, todos estão mortos e agora basta relaxar e gozar a morte. Bobos, eles são bobos porque não morreram antes e portanto não se lembram de como a coisa funciona. A velha informa à filha que para morrer é preciso trabalhar, quer dizer, é preciso morrer e continuar morto, desaparecido por dentro da morte, e não perdido em um canto errado, com o coração de fora e sem endereço. Só mesmo um desavisado pode pensar que os mortos não precisam mais disso, de direção, como se eles

não tivessem mais nada a perder. Isso não é verdade, isso é uma mentira que só pode ter sido inventada por um vivo. Eles se apagam aos montes e chegam aos montes lá do outro lado sem saber em qual curva virar, em qual porta bater, eles não sabem nem mesmo se haverá portas suficientes para todos, largas, corretas. Não pensaram sobre isso a tempo, despreparados, não previram ter que decidir entre as diversas entradas e logo se atrapalham com as maçanetas.

Aconteça o que acontecer, a velha mãe avisa, seria bom que os humanos combinassem entre si uma escala de desaparecimentos para evitar tumulto, compreende, evitar a correria, dando tempo para que os mortos assentassem e escolhessem com calma as passagens, sem empurra-empurra. A velha mãe não sabe como isso poderia ser combinado, talvez por telefone, ligando número a número para toda a humanidade a fim de organizar quem sumiria primeiro e quem ficaria para depois, seguindo uma fila. Quem sabe a filha poderia ajudar nessa tarefa, já que é boa com planilhas.

Se tivesse qualquer escolha a velha preferiria não estar entre os humanos que ficam por último, entre os que ficam para trás na grande espera pelo desaparecimento. Não é sempre que ela manifesta vontades ou preferências dessa maneira tão direta e desejosa, mas quando o assunto é importante ela age como uma velha diferente do esperado, rebelde e insurgente, que diz em voz alta o que pensa antes que a filha, ou pior, um médico faça isso em seu lugar. É por isso que, em relação ao desaparecimento, vejamos, eu preferiria desaparecer assim que possível, amanhã, quem sabe, se fizesse um belo dia de sol. Dormiria viva e acordaria apagada de bom grado, indo na frente para que outros tivessem mais tempo de preparar suas coisas, fazer as últimas dívidas, reler os bilhetes de amor. A essa altura de uma vida



digo que existir para sempre ou por tempo demais é uma decisão ruim, muito ruim; bom mesmo é existir e então deixar de existir, existir por um tempo e depois poder mudar de assunto. Se for preciso sumir de uma hora para outra, por mim não há problema, vamos em frente, embora fosse agradável ter tempo de passar um pouco de perfume logo antes, caso isso não atrasasse ninguém. Imagine poder chegar no além perfumada e fresca, imagine só.

É bem verdade que na boca da juventude falar em desaparecimento e desprezar o eterno é mais intrigante, afinal há tanto futuro. Mas, mesmo parecendo um desdém de velha, aqui está quem segue firme mandando às favas o eterno. Continuo falando isso ao telefone para a filha e também de vez em quando para a televisão, quando aparece um repórter. Por coincidência a filha e o repórter têm a mesma mania, a de trocar de assunto quando o tema em questão é o fim. Basta alguém dizer que nada é eterno e que tudo se acaba e eles logo se embananam e chamam os intervalos.

Vicente está bem ali olhando do porta-retratos e concordando comigo. Ele foi por tantos anos um homem vivo que muitas vezes me esqueço de que ele já morreu e acabo agindo como se o homem ainda estivesse por aqui, tomando banho ou lendo revistas no banheiro. De vez em quando preciso me lembrar de que, é mesmo, ele já morreu. Agora Vicente mora dentro do porta-retratos, mora na fotografia em que ainda é um jovem Vicente em um verão em Petrópolis. Em vários momentos levo o porta-retratos pra cá e pra lá, do quarto para a sala e da sala para a cozinha enquanto espero o telefone tocar. Nessas horas fico contente por mim mesma, aliviada; vejo minhas mãos segurando o objeto onde está Vicente, vejo o homem tão amado ainda perto do meu corpo e digo, ah, aí está uma tarde em que essa velha não se sente completamente sozinha. Digo isso e percebo

que a velha concorda comigo, ela aproxima ainda mais os dedos do rosto de Vicente.

Aquela escrivadinha ali, à direita, era onde ele costumava trabalhar durante muitas horas, isso quando não estava na escola dando aulas, nem tinha morrido ainda. Quem olhasse pela janela veria o topo de sua cabeça acima da pilha de livros de geografia, concentrado por muitas horas em mapas desenhados à mão por ele e pelos alunos. O homem revisava esses mapas incomuns, desenhos de lugares inexistentes, fictícios, e projetava ali os destinos que poderiam existir no futuro, quem sabe, quando se comprovassem as previsões e se tornasse necessário refazer o planeta do zero.

Quando se tornou um Vicente velho e prestes a se apagar, velho e prestes a desaparecer de verdade, o homem dormia durante o dia e então se levantava de madrugada para chegar com dificuldade até a escrivadinha, onde consultava com ânsia os mapas incomuns antes que fosse tarde. Dava para ouvir o barulho dos pés dele se arrastando no piso e depois o barulho do corpo finalmente largado sobre a cadeira. Se concentrava nos desenhos tentando decorar a tempo as fronteiras e os caminhos até a chegada, ao menos era isso que a velha achava que ele estava fazendo, decorando as portas e os acessos. Quem olhasse de fora veria a luz do abajur acesa até três ou quatro da manhã, quando a velha ficava um pouco aflita e então se levantava para pôr sobre os ombros do homem um cobertor ou então o casaco verde.

Pelas manhãs, a velha acomodava o corpo de um Vicente exausto e sonolento na cadeira de rodas e o levava para tomar sol na portaria do prédio. A presença da cadeira e da cabeça caída fazia alguns vizinhos acharem que Vicente já havia desaparecido, que ali não estava mais um homem embutido no corpo. Apenas Sueli, a vizinha que passeava com o gato malhado

em uma coleira, ainda se dirigia a Vicente olhando nos olhos e fazendo perguntas comuns, sobre sua vida e sua existência de velho. Ouvia com interesse o que o homem tinha a dizer, mesmo quando as palavras já não faziam sentido ou pareciam um pouco emboladas na língua.

Àquela altura desaparecer não era uma ideia nova para Vicente e tampouco para a velha. Os dois já pensavam nisso fazia muitos, muitos anos. Talvez eles tenham sido um casal do tipo que precisou desaparecer desde cedo, que precisou saber como sumir bem sumido de uma hora para outra, às pressas e sem deixar rastros. Sabiam que havia muitas maneiras de alguém como eles se esconder, de não ser encontrado, e chegaram a ensaiar juntos algumas vezes na juventude, experimentando o que carregar na mochila e qual calçado usar, o que rasgar ou destruir por segurança antes da partida para evitar que fossem encontrados.

Uma velha pode dizer que naqueles anos os melhores resistentes eram os que sabiam correr em disparada, se meter em subsolos e prender a respiração, às vezes de surpresa e sem um tempo de preparo. Vicente e aquela sua mulher se antecipavam a tudo isso e ensaiavam o próprio desaparecimento, embora nem todos os ensaios tenham sido bons ou semelhantes a uma aventura, não, alguns foram apertados e úmidos e desconfortáveis e até mesmo gelados, é o que a velha ainda se lembra muito bem.

Foi Vicente quem primeiro começou a pensar no assunto, e quando isso aconteceu a velha estava bem ao seu lado. Ela ainda não era velha, era apenas a namorada de Vicente e ambos tinham os cabelos curtos. Eles eram jovens, tão jovens que a pele dos corpos não podia ser outra coisa senão jovem por todos os lados. Numa tarde, por cima da pilha de maçãs no supermercado, Vicente olhou para ela e disse, *E se eu quisesse muito desaparecer, Natalia, e se eu quisesse muito?*

# Humanos exemplares

Esta é a história de Natalia, uma mulher muito velha, que passa os dias em casa, aguardando pacientemente os telefonemas da filha, que vive noutro país. Através de Natalia, conhecemos Vicente, o seu companheiro, que era professor e foi perseguido pela ditadura; Sarah, a sua melhor amiga, dona de um temperamento irascível e de uma loja de biscoitos; Jorge, um sem-abrigo que morava na mesma rua, lia cartas que adivinhavam o futuro e recebia em troca doses de Campari.

Viúva e última sobrevivente de um círculo de amigos, Natalia traz em si todos os seus humanos, como se fossem um álbum de desaparecidos. São estas companhias invisíveis que, agora, lhe povoam a casa e o espírito. A partir do amor, dos laços familiares e da amizade, dos equívocos e enganos, das saudades e ausências, Juliana Leite desenha um mapa antropomórfico que nos leva pelos símbolos da memória, pilar inabalável da nossa consciência e poderoso antídoto para o silêncio e a solidão. Um romance de rara sensibilidade, sobre as coisas que acabam e tudo o que, apesar disso, permanece.






«Ela abre os olhos para mais um dia e já não pode impedir a si mesma de se sentir um pouco livre [...]. Quem olha de fora percebe que seus ossos despertaram firmes sobre a cama, mais ou menos firmes, e isso sim é uma surpresa. A quantidade de ossos que uma velha possui é um espanto, um assombro, porque afinal alguns humanos como ela sumiram, muitos já sumiram e até agora por algum motivo ela permaneceu.»



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[www.penguinlivros.pt](http://www.penguinlivros.pt)

  [companhiadasletrasportugal](https://www.instagram.com/companhiadasletrasportugal)  
 [penguinlivros](https://twitter.com/penguinlivros)

ISBN 9789895833375



9 789895 833375 >